

OS RECINTOS FORTIFICADOS DO INÍCIO DA IDADE DO BRONZE NO SUL DE PORTUGAL: ONDE OS ENCONTRAR?

por

Teresa Júdice Gamito

Resumo: Um dos aspectos mais intrigantes da Proto-História do Sudoeste Peninsular é a falta de povoados do chamado Bronze Inicial. Notam-se alterações no comportamento das populações quer no que diz respeito aos povoados e aos rituais funerários entre o megalitismo, no final do Neolítico e o Calcolítico, com a introdução das técnicas da metalurgia do cobre. Em cerca de 1 500 a. C. desaparecem os enterramentos colectivos e surgem os enterramentos individuais em cistas e os povoados parecem desaparecer, detectando-se apenas alguns acampamentos.

Defendemos aqui que se verificaram de facto alterações nos comportamentos das populações desde o final do Calcolítico e o Bronze Inicial, em relação às populações anteriores, quer no que diz respeito à introdução das novas tecnologias e aos rituais funerários mas que a funcionalidade dos povoados Calcolíticos se manteve e que as populações do Bronze Inicial continuaram a utilizá-los como até então. Este aspecto é evidenciado em vários locais, nomeadamente no Castro do Lexim (Mafra), escavado por José Arnaud em 1975, ou no Castro do Baldio (Arronches), (Júdice Gamito 1996) e julgo que também recentemente na Estremadura salientado por Kunst (1995).

Palavras-chave: Cista; ritual; horizonte (“Horizonte de Ferradeira”).

Abstract: One of the most intriguing aspects of Late Pre-History in Southwest Iberia is the missing of hill-forts in the Early Bronze Age. We notice the changes of behaviour of the local populations not only on this aspect but also in the funerary rituals between the Megalithism, at the end of the Neolithic, and the Chalcolithic, with the introduction of the new technologies. Around 1 500 B.C. the collective interments disappear and are replaced by individual interments in cists but also the settlements sites seem to disappear as well.

In our opinion some alterations in the behaviour of the populations took indeed place from the end of Chalcolithic and Early Bronze Age, not only in respect to the introduction of new technologies and funerary rituals but, at the same time, the function of previous hill-forts went on, and the populations of Early Bronze Age went on using them. This aspect is detected in various settlement sites such as Castro do Lexim (Mafra), excavated by José Arnaud in 1975, or in Castro do Baldio (Arronches) (Júdice Gamito 1996) and I think also recently in Estremadura as emphasised by Kunst (1995).

Key-words: Scist; ritual; horizon (“Ferradeira horizon”).

O Bronze Inicial ou Bronze I, cronologicamente situado em cerca de 1500 a 1200 a.C. apresenta-se de um modo geral e no território português com falta de nitidez e características próprias. No período do Calcolítico em que a metalurgia do cobre se

desenvolveu, associada ao fenómeno do Campaniforme e em que predominaram povoados em altura com fortes traços defensivos e estruturas centrais de armazenamento, como é o caso do Zambujal (Schubart 1975) e Vila Nova de S. Pedro (Savory 1968) observa-se a existência de preocupações defensivas e armazenamento de bens altamente cobiçados ou mesmo bélicas entre as populações (Cardoso 1995). O Bronze I situa-se numa fase charneira entre o começo do domínio das técnicas metalúrgicas, em que muitos aspectos, ligados à Idade do Cobre, ainda continuam a se fazer sentir num fenómeno de continuidade e conservadorismo frequente nas sociedades humanas. O “bronze arsénico”, desenvolvendo-se entre 1800 e 1500 a. C, aparece já na fase final do Calcolítico, quando se verificou que o cobre puro não era suficientemente duro para os fins a que se destinava. No entanto, algumas pequenas inovações começam a fazer-se sentir, como é o caso do aparecimento gradual de enterramentos individuais por inumação em posição de decúbito dorsal que, por vezes, se fazem acompanhar por novos objectos ou objectos pouco usuais denotando que algo se estava a passar nos rituais funerários e nas sociedades (Parreira 1995). Schubart (1975) designou esta fase de transição de “horizonte de Ferradeira” (Conceição, Faro), existindo outros exemplos na faixa ocidental da Península Ibérica em cistas suficientemente grandes para conterem enterramentos individuais na mesma posição e acompanhados por idênticos objectos. Assim, os enterramentos colectivos em antas ou galerias megalíticas desaparecem totalmente e dão lugar a enterramentos individuais, como que salientando a importância crescente do indivíduo e de novos valores nas sociedades em questão. Não podemos esquecer, por outro lado, que os enterramentos campaniformes foram discretamente introduzidos nas antas, mas eram certamente também enterramentos individuais.

No cemitério de Ferradeira (Faro) Schubart chama a atenção para uma região e um fenómeno com claras características diferentes: os corpos dos defuntos são colocados horizontalmente, alongados em posição de decúbito dorsal numa sepultura construída com pequenas lajes verticais, acompanhado por uma ou mais pequenas taças carenadas, uma pequena adaga, e as dádivas habituais dos enterramentos Campaniformes tardios – um braçal de arqueiro, botões de osso perfurados em V, e vasos simples campaniformes, a que chamou de “Horizonte de Ferradeira”, localizado na campina de Faro, perto da povoação da Conceição (Schubart 1971, 1975). Interessante salientar aqui a mistura de elementos típicos das inumações Campaniformes com novos elementos tipicamente da época do Bronze, como pontas de dardo e pontas de seta e ainda, por vezes, pequenos punhais de bronze. Voltaremos mais tarde a este aspecto. Esta sepultura e duas outras, já tinham sido detectadas anteriormente por Lyster Franco e Abel Viana (1948). Sabemos que a campina de Faro é uma zona extremamente fértil, constituída por terrenos de aluvião, sendo portanto lógica a fixação de populações naquela região. No entanto, estes enterramentos, com estas caracte-

terísticas não aparecem com frequência noutras regiões, e o que encontramos são enterramentos individuais em cistas, ritual que se difunde por toda a região a partir de 1.500 a C. Alterações profundas nos rituais funerários vão-se observando um pouco por toda a parte. Nos trabalhos de consolidação e valorização do monumento 7 de Alcalá (Portimão) escavado por Estácio da Veiga e Nunes da Glória no final do século XIX, levados a cabo por Rui Parreira e Elena Moran, encontrou-se um enterramento da Idade do Bronze profundamente implantado na mamôa do monumento, o que parece confirmar este aproveitamento de estruturas funerárias já existentes e uma continuidade das sociedades nos seus rituais mais profundos: o enterramento dos seus mortos. As necrópoles de tipo familiar, constituídas por três a cinco ou mesmo mais cistas, surgem um pouco por todo o lado por todo este vasto território, especialmente nas zonas de melhores recursos económicos, como por exemplo no caso das pequenas necrópoles de Vila Moura (Gomes et alri 1986) ou das margens do Guadiana (Estácio da Veiga 1889), ou no Alentejo (Georg e Vera Leisner 1956-1970), ou em Monchique (Abel Viana e Veiga Ferreira, 1957) confirmados por Júdice Gamito nos trabalhos de prospecção e limpeza realizados em 1983 e 1984¹ na detecção desses monumentos e seu estado de conservação, e de um modo geral referidos por Savory (1968) e Harrison (1980).

A forma destas cistas, na zona das Caldas de Monchique, é essencialmente quadrangular, formada com quatro grandes blocos de foiaito ou seanito², algumas seguindo já um ritual de cremação, mas a maioria de inumação. O indivíduo era colocado em posição fetal ou apenas os seus ossos dispostos cuidadosamente dentro da cista, por vezes com o crânio em posição proeminente, eventualmente acompanhados por uma adaga ou um machado de bronze e pequenos vasos carenados. Estes, numa fase mais avançada, começam a apresentar um acabamento brunido bastante cuidado. Nota-se ainda que, por vezes, estas necrópoles de tipo familiar se modificam em grandes cemitérios, tanto em Portugal como em Espanha, exactamente nas áreas onde a densidade demográfica se acentuava, devido à exploração de importantes recursos económicos, como minas ou zonas agrícolas ricas, como, por exemplo, junto ao Morgado da Torre, Portimão (Estácio da Veiga 1889 e 1891). Só mais tarde, já no Bronze pleno quase final algumas das sepulturas salientam mais os guerreiros ou os chefes, através da configuração em baixo relevo das armas que usualmente aquele indivíduo teria utilizado nas suas actividades guerreiras, mas que se encontram ausen-

¹ Tratou-se de duas campanhas de Campos de Férias Internacionais que contaram com a colaboração de estudantes de vários países e da Universidade do Algarve e do apoio da Câmara Municipal de Monchique uma Associação do Património de Monchique e dos Bombeiros Voluntários de Monchique. A todos expressamos aqui os nossos agradecimentos pelo apoio e entusiasmo com que nos acompanharam.

² O tipo de granito da Serra de Monchique.

tes no enterramento propriamente dito: surgem assim as primeiras sepulturas com lajes de tipo “Alentejano” (Mapa 1) sugerindo um papel cada vez mais importante do guerreiro nas sociedades da Idade do Bronze e um acentuar da sua função na sociedade (Júdice Gamito 1997).

Nota-se por todo o Sudoeste Peninsular uma atitude semelhante quer na possível exploração do território quer na deposição dos seus mortos. O uso de objectos de bronze indica ainda que todas aquelas populações já dominavam bem o fabrico de objectos de bronze, tendo ultrapassado há muito o bronze arsénico, mas os povoados pareciam ausentes no registo arqueológico. Que se passara então? Várias são as hipóteses que se têm proposto:

1. Tratar-se-iam, essencialmente, de populações nómadas, que se deslocavam frequentemente e não necessitariam de povoados mais robustos que um simples acampamento?
2. Seria que teriam continuado a residir nos povoados calcolíticos anteriores por não sentirem necessidade de outros com a mesma funcionalidade?
3. Seria apenas uma questão de continuidade da população naquele vasto território?

Parece-nos que a primeira hipótese, embora existente, seria a explicação mais simples e com alguma evidência já detectada, que vem salientar a riqueza em recursos variados de determinadas regiões, o seu aproveitamento constante pelas populações locais e a sua igualmente constante ocupação e exploração por sucessivas sociedades humanas através dos séculos, como vemos, por exemplo, em acampamentos do tipo de Pontes de Marchil (Faro) (Pinho Monteiro 1980) salientando o aproveitamento dos recursos naturais da campina de Faro e do seu sistema lagunar. Sobre este aspecto, mas numa época muito posterior veja-se o trabalho de Júdice Gamito sobre a Ria Formosa e os seus recursos naturais (Júdice Gamito 2002) em que as riquezas da ria foram sucessivamente aproveitadas pelas populações ribeirinhas. Também Cardoso é dessa convicção, as populações dispersavam-se no território aproveitando os seus recursos (Cardoso 1994). Podemos concluir que acampamentos certamente existiram, nas zonas com interesse de exploração temporária dos recursos naturais existentes, mas a sua perenidade leva-nos a concluir que a sua evidência é também reduzida.

As hipóteses formuladas a seguir parecem apresentar, à medida que a investigação mais se desenvolve, cada vez mais traços coerentes e que explicam esta continuidade de populações e de seus hábitos quotidianos. Podemos desde já sugerir que tal é o caso de alguns locais, em que, após o final do Calcolítico aqueles locais continuaram a ser habitados por populações já do Bronze Inicial: o Penedo do Lexim (Mafra), o Castro de Segóvia (Elvas) e o Castro do Baldio (Arronches) e possivelmente os Povoados de Alcalá (Portimão) e dos Ratinhos (Moura):

- O Penedo do Lexim, escavado por José Morais Arnaud em 1975, sendo essencialmente um castro Calcolítico, apresentou um extracto da Idade do Bronze Inicial na sua superfície superior, revelando que tinha sido habitado por uma população daquela época;
- O Castro de Segóvia, escavado inicialmente por uma equipa dirigida por John Evans, José Arnaud e Teresa Júdice Gamito, em 1972, a que se seguiram várias campanhas dirigidas por esta arqueóloga em 1982 e 1984, seguindo-se em 1985 uma intensa prospecção de campo em toda a zona, sendo essencialmente um Castro da Idade do Ferro, com uma ocupação do Bronze Final, revelou, na campanha de prospecção de campo que fora também ocupado por gentes do Neolítico final e do Bronze Inicial cuja evidência resvalara pelas encostas do monte;
- O Castro do Baldio, escavado em 1982 por Teresa Júdice Gamito, publicado na revista *Vipasca* de 1996, prova também a sequência de aproveitamento dos recursos da zona de St.a Eulália pelas populações ali fixadas e na mesma sequência, tratando-se ainda de um povoado aberto, só apresentando defesas naturais..
- O povoado de Alcalá foi apenas ligeiramente escavado e é possível que o indivíduo sepultado no interior da mamôa do monumento 7 pertencesse a algum grupo que por ali se fixara.
- O Castro dos Ratinhos nunca foi escavado, mas tanto Fragoso de Lima (1960) como Júdice Gamito efectuaram ali prospecção de campo tendo sido publicados alguns fragmentos de cerâmica com decoração em retícula brunida do Bronze Final (Júdice Gamito 1992), mas nem os materiais do Museu Nacional de Arqueologia foram totalmente estudados nem os materiais da colecção de Fragoso de Lima o foram também, sendo possível ter sido ocupado em épocas anteriores, como parecem sugerir alguns materiais encontrados por Fragoso de Lima (1988)

Como conclusão deste trabalho e tal como salientamos atrás, um dos problemas que se nos apresentam na Idade do Bronze Inicial é a falta de povoados fortificados, especificamente desta época. Na verdade, no tornar da segunda metade do terceiro para o segundo milénio a. C., no final do Calcolítico, nota-se uma certa estabilidade económica e social entre as populações que habitavam o território hoje português com uma larga dispersão de pequenos cemitérios familiares perto dos melhores solos aráveis ou recursos mineiros, sugerindo uma larga dispersão da população activa e mesmo um aumento demográfico considerável. Simultaneamente, nota-se uma quase total ausência de povoados fortificados desta mesma data, com excepção de acampamentos temporários, e por isso mesmo perenes. Esta população e sua distribuição territorial é

perfeitamente nítida na vasta dispersão do povoamento no Bronze Final ao longo das melhores vias de acesso aos recursos económicos mais interessantes, facto já assinalado entre os investigadores deste período (Schubart 1971, 1975; Almagro Gorbea 1977; Júdice Gamito 1986, 1988) e que não poderia ter surgido subitamente. Gerações sucessivas da população local teria contribuído para essa circunstância.

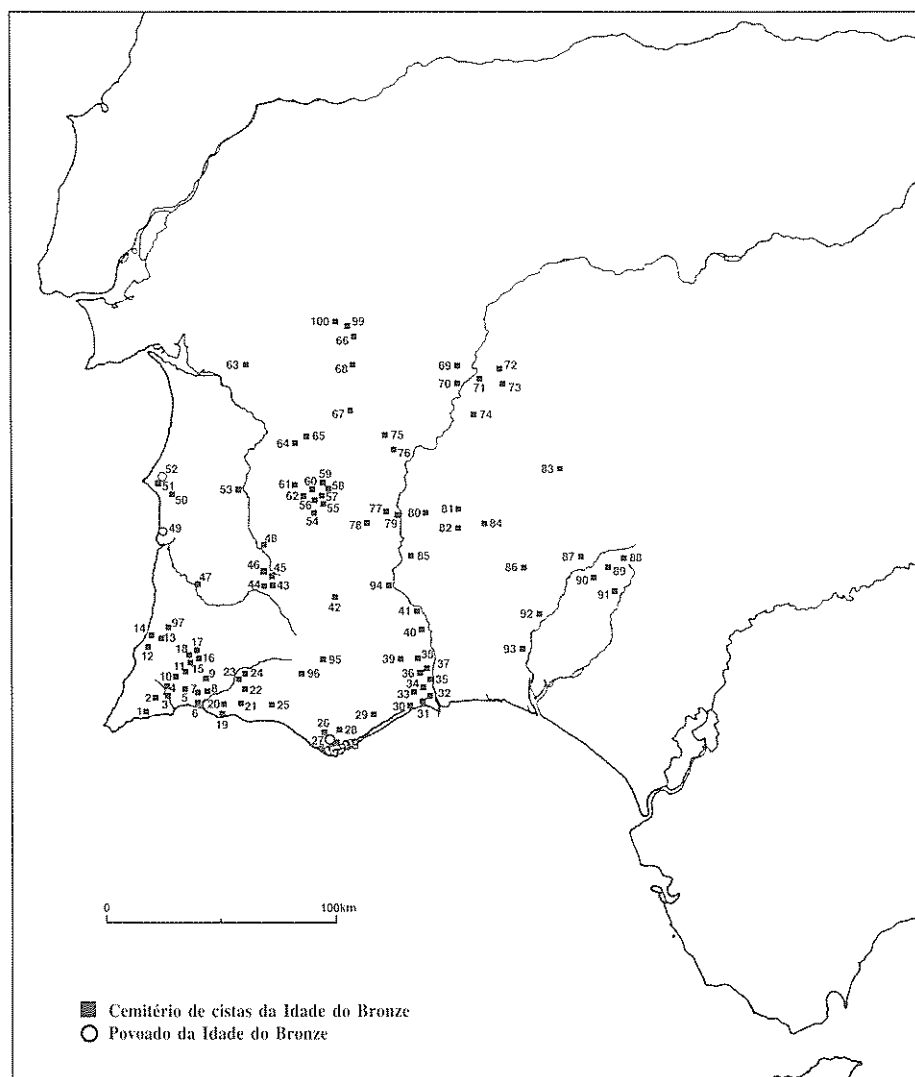
Sugere-se também aqui, que o povoamento do Bronze Inicial se tratou antes de uma prolongada utilização e aproveitamento de Castros e Povoados do Calcolítico, que mantiveram a sua funcionalidade, alguns já evidenciando o conhecimento da nova tecnologia do bronze e de cerâmicas carenadas, confirmando-se assim um certo conservadorismo na sociedade cujas populações são afinal as mesmas e não sentiram a necessidade de se deslocarem para outros locais. Não só a funcionalidade daqueles povoados se manteve, como as populações se mantiveram, só que com um grau de desenvolvimento maior e praticando já as novas tecnologias. Michael Kunst chama também a atenção para este facto e por terem aparecido, na última campanha do Zambujal, também traços da Idade do Bronze (Kunst 1995) nomeadamente uma fíbula de bronze claramente do Bronze Final.

Só no Bronze Final quando outras influências e contactos com populações distantes, quer do Mediterrâneo Oriental quer através do interior da Europa, mudanças profundas se fazem sentir. Esses povos vêm em busca de metais preciosos na Península Ibérica, a cujo acesso, nas suas regiões, por motivos vários lhe foram interditados. Começa-se a notar então a ocorrência de grandes povoados fortificados com recintos próprios para o gado, como é o caso da Coroa do Frade, ou do Castro de Careira, ou mesmo da Crespa (Mapa 2), para mencionar apenas alguns, dominando zonas de recursos essenciais ou extremamente procurados e valiosos.

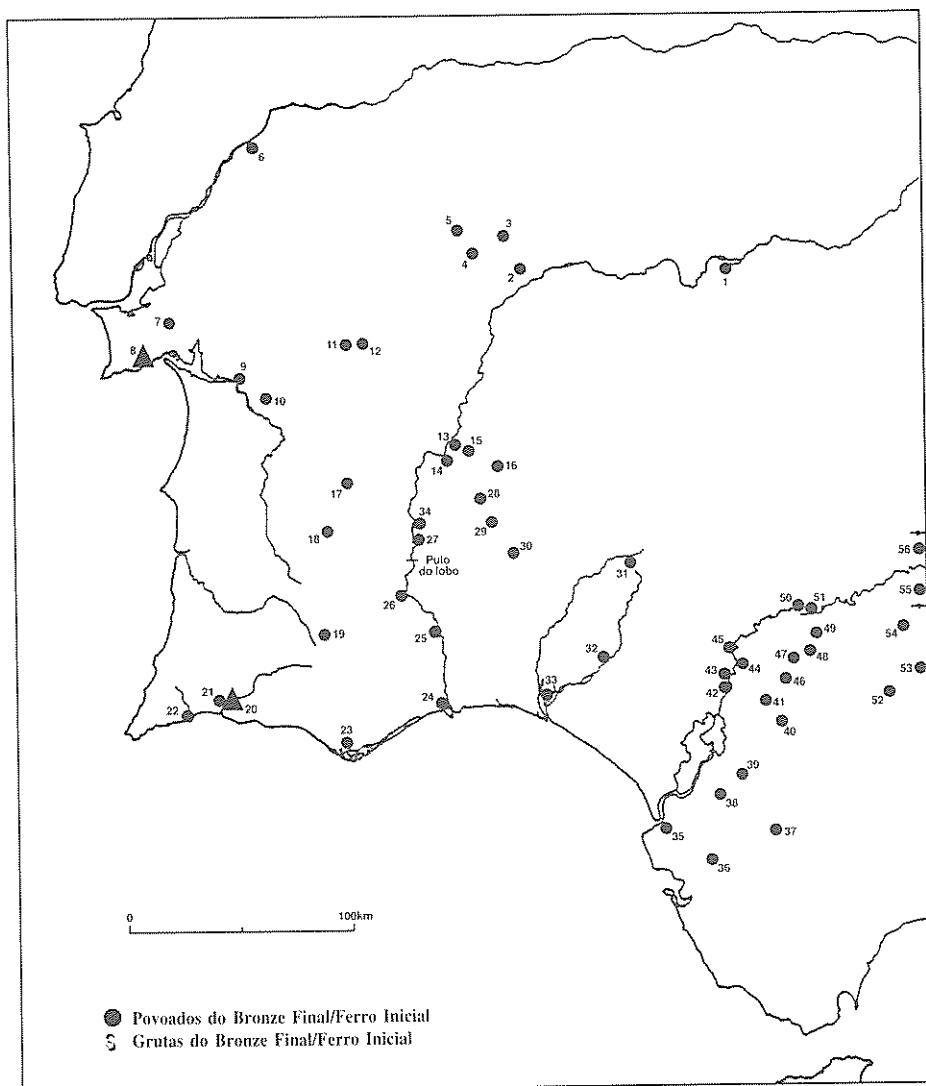
BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA, M. (1977). *El Bronce Final y el periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid, Bib. Prehist. Hispana.
- ARNAUD, J. MORAIS (1979). Coroa do Frade, *Madriider Mitteilungen*, 20. Heidelberg, 56-100.
- CARDOSO, J. L. (1994). Do Paleolítico ao Romano, Investigações arqueológicas na área de Lisboa nos últimos 10 anos, *Almadan*, Almada, 59-74.
- CARDOSO, J. L. (1995). Os povoados do Bronze Final a Norte do estuário do Tejo, *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*, ed. Susana Oliveira Jorge. Lisboa, Instituto Português de Museus, 126.
- ESTÁCIO DA VEIGA, S.P. (1886, 1888, 1889, 1891). *Antiguidades Monumentais do Algarve*, 4 volumes. Lisboa.
- FRAGOSO DE LIMA, J. (1960). Castro dos Ratinhos (Moura, Baixo Alentejo – Portugal), *Zephyrus*, Salamanca, 11.
- FRAGOSO DE LIMA, J. (1988). *Monografia do Concelho de Moura*, Câmara Municipal de Moura.

- GOMES, M. V., R. V. GOMES, C. M. BEIRÃO E J.L. DE MATOS (1986). A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, *Trabalhos de Arqueologia* 2, IPPAR, Lisboa.
- HARRISON, R. (1980). *The Beaker Folk*, London, Thames & Hudson.
- JÚDICE GAMITO, T. (1986). *Social complexity in Southwest Iberia (8th to the 3rd cents. B.C.) aspects of evolution and interaction*, University of Cambridge, PhD Dissertation.
- JÚDICE GAMITO, T. (1988). *Social complexity in Southwest Iberia (800-300 B.C.) the case of Taryessos*, Oxford, BAR.
- JÚDICE GAMITO, T. (1992). A cerâmica de retícula brunida da Castro dos Ratinhos (Moura), *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 277-298.
- JÚDICE GAMITO, T. (1996). O estanho de aluvião e a metalurgia do Bronze no Castro do Baldio (Arnonches, Portugal), *Vipasca*, Aljustrel. 29-50.
- JÚDICE GAMITO, T. (1997). A civilização do Bronze no Algarve, *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*, ed. Filomena Barata, Min. da Cultura, Lisboa, 221-242.
- LEISNER, G. E V. LEISNER (1956-1970). *Die Megalithgräber der iberischen Halbinseln*, M.B., Berlin
- KUNST, M. (1995). A Idade do Bronze na Estremadura, *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*, ed. Susana Oliveira Jorge, Lisboa, Instituto Português de Museus, 124-125.
- PARREIRA, R. (1995). Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior, *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*, ed. Susana Oliveira Jorge, Lisboa, Instituto Português de Museus, 131-134.
- PINHO MONTEIRO, J. (1980). O Acampamento do Bronze Final das Pontes de Marchil (Faro), *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Setúbal. 43-45
- SAVORY, H. N. (1968). *Spain and Portugal*, London, Thames & Hudson
- SCHUBART, H. (1971). Acerca de la cerâmica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste Peninsular, *Trabajos de Pre-História*, Madrid, 3-32.
- SCHUBART, H. (1975). *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinseln*, Berlin, W. de Gruyter.



Mapa 1 – 1. Almadeninha; 2. Bensafirim; 3. Chocalho; 4. Serro de Bartolomeu Dias; 5. Mexilhoeira Grande; 6. Foz do Farelo; 7. Donaldá; 8. Baralha; 9. Monte Velho; 10. Alcaria (Monchique); 11. Casinha da Moura; 12. Ferrarias; 13. Corte Cabreira; 14. Arregata; 15. Mirante da Mata; 16. Caldas de Monchique; 17. Pocilgais; 18. Vagarosa; 19. Bemparece; 20. Estombar; 21. Crastos; 22. Silves; 23. Messines; 24. S. Bartolomeu de Messines; 25. Porches o Velho; 26. Campina; 27. Pontes do Marchil; 28. Monte do Castelo; 29. Bias; 30. Torre dos Frades; 31. Maudinheiro; 32. Zambujeira; 33. Alcaria do Poçinho; 34. Corte do Guadiana; 35. Cerro da Eira da Estrada; 36. Cerro dos Valles; 37. Cerro dos Corveiros; 38. Odeleite; 39. Curral da Pedra; 40. Vale de Nossa Senhora; 41. Atalaia (Mesquita); 42. Marchica Nova; 43. Nora Velha; 44. Alcaria; 45. Cola; 46. Atalaia; 47. Odemira; 48. Panoias; 49. Pessegueiro; 50. Provença; 51. Sines; 52. Quitéria; 53. Lousal; 54. Corte da Asinha; 55. Monte d Ulmo; 56. Santa Vitória; 57. Monte do Outeiro; 58. Cata; 59. Beja; 60. Mos; 61. Monbeja; 62. Medarra; 63. Hospital; 64. Folha da Amendoeira; 65. Odivelas; 66. Barrocal (Évora); 67. Alvito; 68. Cascalheira e Casinha; 69. Duque; 70. Reguengos de Monsaraz; 71. Monte da Ribeira; 72. Folha das Palmeiras; 73. Queijeirinha; 74. Altas Moras; 75. Perel; 76. Farrobo; 77. Montinho; 78. Trigaches; 79. Vau de Baixo; 80. Santa Justa; 81. Belmeque; 82. Ficalho; 83. Encinasola; 84. Rosal; 85. Vale Formosos; 86. Almonaster; 87. Coprtelazor; 88. Puerto-Moral; 89. Aracena; 90. Castañuelo; 91. Minas de Rio Tinto; 92. Becerrero; 93. Calanas; 94. Mértola; 95. Fonte Santa; 96. Sali; 97. Corte Cabreira; 98. Faro; 99. Évora; 100. Provença.



Mapa 2 – 1. Medellín; 2. Segóvia; 3. Baldio; 4. Careira; 5. Vaiamonte; 6. Alpiarça; 7. Chibanes; 8. Lapa do Fumo; 9. Alcácer do Sal; 10. Castelejos; 11. Coroa do Frade; 12. Giraldo; 13. Ratinhos; 14. Azougada; 15. S. Bernardo; 16. Safara; 17. Outeiro do Circo; 18. Mangancha; 19. Mesa dos Castelinhos; 20. “Ibn-Amar”; 21. Portimão; 22. Lagos; 23. Faro; 24. Castro Marim; 25. Alcoutim; 26. Mértola; 27. Crespa; 28. Serra Alta; 29. Passo Alto; 30. Tharsis; 31. Rio Tinto; 32. Niebla; 33. Huelva; 34. S. Brás; 35. Eborá; 36. Asta; 37. Arcos; 38. Tribupena; 39. Lebrija; 40. Coronil; 41. Utrera; 43. Valencia; 44. Macareno; 45. Alcala del Rio; 46. Bencarena; 47. Acebuchal; 48. Carmona; 49. Cruz del Negro; 50. Lora; 51. Setefilla; 52. Osuna; 53. Estepa; 54. Ategua; 55. Galera; 56. Castulo.

